

RYAN O'CONNELL

especial

TRADUÇÃO
ADRIANA FIDALGO

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2019

PREFÁCIO

EI, MILLENNIAL! Você nunca se tocou, nem por um segundo, de que esse mundo não foi criado para que você o usasse, exaurisse, espremesse até o bagaço, certo? A vida inteira, você teve o privilégio de foder com tudo, de ligar nos momentos mais inoportunos, de passar pela faculdade feito um zumbi e de descartar o amor como se ele fosse um papel de chiclete amassado. Todo mundo é responsável por suas indistintas crises de ansiedade, por seus relacionamentos superficiais, por sua falta de direção e por seu medo devastador de intimidade. Todo mundo é responsável, menos você. Então faça uma reverência e agradeça a tudo o que tornou nossa geração possível. Agradeça à internet, às mensagens de texto, ao Skype, Snapchat, Vine, Instagram, Grindr e Tinder por tornarem a interação presencial algo obsoleto e assustador. Agradeça à solidão que irradia da

tela brilhante do computador e à amarga surpresa de ter centenas de amigos no Facebook, mas ninguém com quem jantar. Agradeça a seus pais, que quiseram lhe dar mais, mais e mais. Que o cobriram de certezas e elogios, já que os pais deles nunca fizeram o mesmo. Ser um *baby boomer* significa que, quando caíam e arranhavam os joelhos, precisavam achar os Band-Aids sozinhos. Significa que podiam desaparecer com os amigos por horas, sem precisar da autorização da boa e velha Mamãe. Se nossos pais demonstram seu amor em HD, os pais de nossos pais optaram por um modelo de baixa definição.

Algumas pessoas acreditam ser uma característica dos pais dar aos filhos o que jamais tiveram, e, se for esse o caso, *isso* é o que deve ter faltado aos *baby boomers*: pais que agissem como helicópteros, pairando sobre os filhos a cada segundo de cada dia. Pais que provocassem, estimulassem e compactuassem com um comportamento egoísta quando seus filhos estivessem chateados. Pais que não só comprassem Nebacetin para as crianças, como praticamente as lambuzassem da cabeça aos pés com a pomada. A definição de um bom pai ou mãe mudou, e agora, de uma forma ou de outra, estamos todos pagando um preço especial por isso. Ao tentar proteger os filhos da bagunça que é a vida, nossos pais criaram uma geração que está fadada a pisar em cheio em cocô de cachorro.

Mesmo que seus pais tenham optado por uma abordagem mais pragmática em sua criação, você ainda pode encontrar outras maneiras de se destacar. Desde que se inscreveu para aquele teste gratuito de

internet discada no ensino fundamental, você tem sido encorajado a compartilhar cada peido cerebral, cada ressaca, cada enfadonha tarde de sábado, então você vai lá e faz isso! Você compartilha! Seu último tuíte/atualização de status — “Dia lindo hoje. Vou comer um sanduíche de atum. HMMM” — recebeu seis *likes* de quase estranhos, o que indica que as pessoas, de fato, querem saber o que você está pensando o tempo todo. Elas podem não ter consciência ainda, mas, bem lá no fundo, anseiam pela informação. É como uma droga. UMA DOSE. POR FAVOR, EU PRECISO DE SEU COMENTÁRIO SOBRE O TEMPO E AMOR POR SANDUÍCHES DE ATUM.

Você é especial porque, sempre que namora alguém, pode colocar “em um relacionamento sério” no Facebook. Mostrar a seus amigos e conhecidos que você chegou em primeiro lugar na corrida do amor equivale a uma punheta virtual, e, toda vez que um animigo stalkeia sua página e vê que você está comprometido, um jato de porra acerta os olhos dele.

Você é especial porque ganhou muitos prêmios. Você participava de infinitas atividades extracurriculares e, depois da conclusão de cada uma, lhe era concedido um superlativo inútil, como “O Mais Espirituoso” ou “Melhor Senso de Humor do Time de Kickball”. Todo mundo recebia um prêmio — era essa a ideia original da lei Nenhuma Criança Deixada para Trás —, mas o seu tinha maior importância que o dos demais. Em seguida, você corria para casa e colocava seu novo prêmio ao lado do diploma do jardim de infância e do

troféu que recebera pela construção da melhor fazenda de formigas no ensino fundamental. Então se recostava e sorria, ciente de que estava no caminho certo para o sucesso. Porque a pessoa que ganha o título de “Melhor Senso de Humor do Time de Kickball” não se torna um fodido. De jeito nenhum! Essa pessoa se torna um astronauta, um político ou, pelo menos, gerente de uma loja de artigos esportivos. Era um sinal de que você estava destinado à grandeza. É pura lógica. Se você não for bem-sucedido, quem diabos será?

Você é especial porque tem um blog. Você é especial porque, sempre que pegava no sono em longas viagens de carro, seu pai costumava carregá-lo para a cama. Você é especial porque sua ex já gravou um CD em sua homenagem. Você é especial porque uma vez encontrou uma das gêmeas Olsen em um show e ela elogiou seus sapatos. Você é especial porque recebe cinco mensagens do OkCupid por dia. Você é especial porque um careca com sobrepeso tirou uma foto sua em uma festa e publicou no próprio site. Você é especial porque tem 212 seguidores no Twitter, mas segue apenas 126 pessoas. Você é especial porque se saiu muito bem no vestibular e um de seus professores o chamou de prodígio. Você é especial porque cresceu acreditando que podia fazer qualquer coisa que quisesse, e não conseguiria se imaginar pensando de outra forma. Você é especial porque existem séries sobre você e seus amigos e porque o *The New York Times* não se cansa de publicar artigos sobre jovens na faixa dos vinte anos. Você é especial porque todo mundo está

prestando atenção em sua geração, se perguntando que tipo de legado vão deixar, e você gosta de ser notado.

Sei por que você é especial: porque também sou especial. Na verdade, se consultasse “Millennial” no *Urban Dictionary*, você provavelmente encontraria uma selfie minha com muito filtro. Eu mergulhei de cabeça em todo clichê imaginável para jovens de vinte e poucos anos. Pais-helicóptero obcecados por cada passo meu? Confere. Uma constante necessidade de validação na internet? Confere. Uma tendência ao vício em drogas lícitas? Infelizmente, confere. Namorei todos os embustes, fiz todos os estágios inúteis, bebi todo o vinho e consumi todas as drogas do mundo. Tratei minha vida como se fosse um grande experimento, e então tive a ousadia de ficar surpreso quando tudo explodiu bem na minha cara. Muita burrice, não é? Bem, deve ser porque, além do típico jovem psicótico, também sou retardado. Não, verdade. Sou mesmo. Nasci com uma leve paralisia cerebral (ou, como gosto de chamá-la, *paralolsia*), o que significa que manco quando ando e exibito pitadinhas de dano cerebral. Não sou apenas especial de um modo “flocos de neve delicado”, também sou especial nível “assento preferencial”! Mas, apesar da minha deficiência, sou exatamente como você. Alguém que tenta controlar sua compulsão por doenças venéreas e delivery de comida tailandesa e que tenta aprender como realmente amar a si mesmo. Não é fácil! Os Millennials ouviram, repetidas vezes, que somos uma falha gigantesca, e, como esperado,

muitos de nós passaram a acreditar. Mas, se olhar em retrospecto, vai perceber que todas as gerações têm sido analisadas e estereotipadas — como a indolente Geração X e *Caindo na Real* —, então tente não surtar com as críticas! Mande as suas inseguranças darem o fora e simplesmente aceite que nosso legado pode ser um pouco não sofisticado. Assim que fizer isso, pode parar de se preocupar em ser a pessoa que o mundo espera que seja e começar a descobrir quem, de fato, é. Pode parecer uma jornada opressiva, mas estarei ao seu lado. E se compartilhar alguns de meus erros fizer você se sentir menos esquisito e solitário, então acho que não me arrependo de nada que tenha feito. Na verdade, não estou sendo totalmente sincero. Eu me arrependo de correr contra o tráfego e ser atingido por um carro. Mas falaremos disso mais tarde.

CRESCENDO COMO UM SEQUELADO

PARA ENTENDER por que você é desse jeitinho, é preciso voltar ao início e analisar cuidadosamente sua família.

Essa é minha família. É de onde venho.

Minha irmã mais velha, Allison — que aos vinte e poucos anos se rebatizou Allisol, porque agora você pode fazer esse tipo de coisa e ninguém dá a mínima —, é um espírito livre e vegano, que faz parte de uma pequena comunidade de dançarinos de bambolê no Brooklyn. Eles se autodenominam “Bamboleadores” e se apresentam em festivais de contracultura, no estilo Burning Man. Alguns até mesmo fazem do bambolê seu *ganha-pão*.

— Não tem nada mais legal que ser um Bamboleador — disse minha irmã certa noite, enquanto bamboleava para mim em seu quarto. Ela estava rodando um bambolê com luz de LED embutida, que custa 360 dólares. — Estamos dominando tudo!

Embora a diferença de cinco anos tenha nos impedido de passar muito tempo juntos enquanto crescíamos, eu me lembro de que ela fez parte de alguns marcos históricos da minha vida — sendo o mais importante a primeira vez que meu pai se deu conta de que eu talvez fosse gay. Eu tinha 14 anos e continuava trancado no armário, mas, depois de um semestre em uma faculdade de artes, minha irmã chegou em casa para o Natal, deu uma olhada em mim certa manhã e perguntou:

— Você sabe que é gay, né?

— Não, não sou — berrei, limpando a poeira do meu disco da Billie Holiday e o guardando, cuidadosamente, de volta na capa.

— Está tudo bem, Ryan! Apenas seja você mesmo!

— Hã, oi? Já *sou* eu mesmo. Acho que é humanamente impossível ser alguém que não eu.

Então meu pai entrou na sala, esfregando o sono dos olhos, e nos perguntou que merda estava acontecendo.

— Nada, pai.

— Estou dizendo a Ryan que não tem problema ser gay.

— Ryan é gay? — Seu rosto ficou pálido como um fantasma. Imagens de seu filho mais novo vogueando ao som de Madonna e fazendo sexo anal dançaram em sua cabeça.

— Não, não sou. Juro!

— Faria alguma diferença se fosse? — bufou minha irmã. — Quero dizer, eu sou bissexual.

— Você o quê?!

— É isso mesmo. — Ela sorriu em desafio. — Tenho uma namorada chamada Sky.

— Espera aí. Achei que você tivesse um namorado chamado John.

— E tenho. Isso se chama relacionamento poliamoroso, pai. Nunca ouviu falar?

— Ah, Jesus. Que besteira é essa? Vou voltar para a cama.

Meu pai é um grande ursinho liberal, mas é óbvio que pertence a uma geração diferente da nossa. Quando decidi ter filhos, não acho que tenha sequer considerado a possibilidade de acabar com uma filha bissexual poliamorosa e um filho gay com uma deficiência. Somos modernos pra caralho.

Meu irmão mais velho, Sean, também é um Millennial de carteirinha, mas, em vez de mudar seu nome e namorar cinco pessoas ao mesmo tempo, decidiu tirar vantagem da invenção da internet com um site pornô. Quando tinha 19 anos, Sean estava sem grana e vivia em um apartamento caindo aos pedaços em Skid Row, uma parte pouco recomendável de LA, com limitadas opções de carreira. Então, em um momento de total desespero, criou um site que explorava seu ponto forte — que, não por acaso, era encontrar os pornôs mais asquerosos da internet e editá-los em vídeos virais engraçados, mas perturbadores. O site é como o Funny or Die, mas com moradores de rua fornicando em hotéis baratos ao som de Björk. É absolutamente revoltante, mas, em quatro anos, ele conseguiu se tornar um jovem milionário de vinte e poucos anos. Bem-vindo aos Estados Unidos, bebê!

E então, claro, chegamos a mim: o caçula da família e o mais Millennial de todos. Nos últimos anos, eu consegui construir uma carreira como escritor com textos sobre minha trajetória de desastre completo, o que é ótimo, só que não, porque eu realmente gostaria de me tornar equilibrado em algum momento. Mas aqui estou, uma pessoa quase saindo da casa dos vinte, e, às vezes, ainda me sinto muito longe de conseguir lidar com minhas merdas. Literalmente. Não consigo controlar minhas fezes.

Permita-me explicar. Recentemente, minha mãe, minha irmã e eu decidimos ir até Montreal para comer bagels e criar novas e dolorosas memórias juntos. Amo viajar de férias, mesmo em família. A única desvantagem é que fico com uma forte prisão de ventre. Quando estava na quinta série, meu irmão e eu participamos de um acampamento escolar de cinco dias em Big Basin, e, até o último momento, eu não tinha cagado sequer uma vez. Quando chegamos em casa, nós dois corremos para o banheiro e, depois de terminarmos nossa obra, meu irmão olhou para mim e disse:

— Caraca. Você também não fez cocô lá?

Nada mudou desde então. Levou três dias e uma desagradável experiência com um poutine canadense para que meu organismo, enfim, decidisse que *Ok, me sinto confortável o bastante para o número dois agora. Vamos nessa!* Enquanto eu corria os três quarteirões entre o restaurante e o nosso apartamento alugado, minha mãe e minha irmã seguiam meus rastros, tirando foto de coisas que os brancos gostam de imortalizar quando estão de férias, como *street art*, árvores e calçadas.

Eu estava no auge de minha obra quando elas chegaram, e, em vez de me deixarem em paz, minha mãe bateu na porta do banheiro.

— Ryan, está tudo bem?

— Estou bem — respondi, a voz tensa. — Já vou sair.

Era mentira. No momento que ouvi o cocô bater na água da privada, soube que estava na merda. Eu me levantei e inspirei fundo antes de dar uma conferida em minha criação. Era enorme. Não havia a menor chance daquele monstro fazer a passagem sozinho, mas, à revelia, decidi dar descarga mesmo assim. Sabe quando um cocô é tão grande que nem mesmo se move? Foi o que aquele fez; permaneceu onde estava, quase me mostrando o dedo do meio. Entrei em pânico.

— Puta merda — murmurei.

— O que está acontecendo aí? — gritou minha mãe, do outro lado da porta.

— Nada, mãe. Só sai daqui!

— Vou entrar! — Eu me atralhei todo para vestir as calças. Quando ela entrou no banheiro, apertou o nariz e berrou: — QUE DIABOS VOCÊ FEZ?

— Entupi a privada, mas tudo bem! É só usar o desentupidor. — Olhei em volta. Não havia desentupidor. — Droga.

Minha mãe soltou um suspiro exasperado e abriu caminho até a privada. Então deu uma olhada no estrago e disse, muito séria:

— Querido, nunca imaginei que era possível fazer um cocô tão grande. — Parte de mim ficou lisonjeado, porque soou como um elogio.

Alguns segundos se passaram antes que minha mãe entrasse no modo solução-de-problemas e achasse um par de luvas debaixo da pia.

— O que você está fazendo?

— Não tem como isso descer sozinho. Preciso pegar partes do cocô e colocar em um saco de lixo.

— O QUÊ?! — exclamei. — Não, mãe... por favor, não faça isso. Deve ter um jeito mais fácil.

— Não tem!

— Bem, pelo menos deixe eu fazer isso!

— Não. Agora se afaste!

Não é fácil explicar como uma pessoa de 26 anos sente ao ver a mãe pegar pedaços do seu cocô e colocar em um saco de lixo. Veja bem, sou realista sobre meus objetivos enquanto ser humano. Sei que o amadurecimento não se dá da noite para o dia e que cada um tem a própria definição do que significa ser um adulto. Mas, até então, realmente acreditei que minha mãe não teria mais nada a ver com meu cocô. Depois de todos esses anos me oferecendo casa, comida e roupa lavada, o mínimo que eu poderia fazer por ela é cuidar das minhas próprias merdas. Literalmente.

Mas não consigo fazer isso. Não consigo fazer nada. Meus pais criaram três filhos, cada um mais especial que o outro, e foi isso que ganharam: um pornógrafo rico, uma dançarina de bambolê poliamorosa e um desajustado com prisão de ventre. E, embora minha família pareça única, sei que não somos. Na verdade, eu apostaria toda a minha grana que a maioria dos pais de vocês pescaria sua merda da privada se fosse preciso.

É como as coisas funcionam agora. É o que acontece quando se faz parte de uma geração cujos pais não querem que você jamais conheça o sofrimento; você acaba com um bando de pessoas de vinte e tantos anos que nunca se incomodaram em descobrir como se vive.

A maioria das pessoas da minha idade nasceu em circunstâncias felizes: cercada pela família na sala de parto, alguém alegremente eternizando o momento em vídeo enquanto os outros se amontoam perto da mãe eufórica quando ela cumprimenta aquela bola de carne pela primeira vez. Meu nascimento, por outro lado, foi um episódio de *American Horror Story*. No instante que saí da vagina de minha mãe, eu estava azul, meu cérebro morrendo por falta de oxigênio. Os médicos disseram a meus pais que não havia como prever a extensão dos danos físicos e mentais. Não teve bolo para celebrar, nenhum beijo terno... apenas o puro pânico de *que porra é essa que acabou de acontecer com nossas vidas*.

Nos primeiros anos, meus pais viveram em constante agonia, sem saber se eu acabaria como um vegetal ou que outros problemas poderia vir a ter. Não comecei a andar até quase completar quatro anos, mas, aparentemente, sempre fui meio verborrágico.

— Você conversava com qualquer um — conta minha mãe. — Não calava a boca. Mas a gente raramente se irritava, porque era um sinal de que seu cérebro estava funcionando.

Caramba, se você parar para pensar, paralisia cerebral é a desculpa perfeita para ser uma peste.

— Mamãe e papai, vocês precisam me aturar porque eu poderia ter sido o equivalente humano a uma página em branco!

Gostaria de poder dizer que fui uma plácida borboleta deficiente, que entendia todas as dificuldades enfrentadas por meus pais ao criar uma criança com paralisia cerebral, mas seria mentira. Na verdade, eu os torturei. Eles tornavam tudo tão fácil para mim... Principalmente minha mãe. “Ryan, deixa eu limpar seu rosto”, “Ryan, deixa eu amarrar seus sapatos”, “Ryan, deixa eu invadir seus pulmões e respirar por você porque a ideia de que precise fazer qualquer coisa me enche de dor.”

Minha geração inteira cresceu sob os cuidados de um bando de adultos que, de bom grado, pensaria em emoldurar o primeiro movimento intestinal de seus filhos e em cobri-los de elogios toda vez que não gritassem FODA-SE na cara deles; então é óbvio que essa inclinação natural foi elevada ao quadrado quando minha mãe deu à luz uma criança que realmente precisava de atenção o tempo todo. Eu estava fodido! Ela estava fodida! Meus dois irmãos — que foram o rei e a rainha do castelo até meu traseiro exigente surgir no pedaço — estavam fodidos!

Temendo que minha mãe e eu nos tornássemos uma versão moderna de *Grey Gardens*, aquele filme sobre mãe e filha que viviam isoladas em meio aos restos de uma existência outrora rica, meu pai tomou para si a responsabilidade de não ser um pai-helicóptero. Com minha mãe, sempre consegui me safar do que não tinha

vontade, mas o detector de caôs do meu pai era infalível. Ele era imune à minha manipulação e garantia que eu não saísse impune, não importando o quanto eu protestasse ou exagerasse ao mancar. Mas sempre que meu pai decretava uma lei, minha mãe logo tentava aboli-la. Tarefas domésticas, por exemplo. Eu sofro de espasmos, então às vezes, quando ia fazer algo tipo usar uma vassoura aos sete anos, acabava piorando a bagunça. Em vez de me deixar desistir, como qualquer pessoa normal, meu pai se assegurava de que eu aprendesse a me virar; isso até minha mãe entrar em cena.

— O que é isso, Dennis? — perguntava ela aos berros, o rosto se derretendo em uma máscara de simpatia enquanto me via tentar, em vão, limpar alguma coisa que eu tinha derrubado no piso.

— Estou ensinando a ele como usar uma vassoura, Karen! — gritava meu pai em resposta. — Ele não sabe fazer isso, acredita?

— Mamãe — eu choramingava —, não consigo fazer isso. É muito difícil, e papai não vai me deixar parar até eu limpar tudo.

— Ouviu isso, Dennis? Ele não consegue! Agora pare de fazer o menino se sentir mal!

— Ele consegue, sim. Não pode simplesmente fugir de tudo sem nem tentar — gritava meu pai. — Ryan, se concentre na vassoura!

— Ryan, venha aqui! — Mamãe acenava para mim de braços abertos. Eu caminhava em sua direção.

— Nem pense nisso, moleque! Volte aqui agora mesmo.

— Não escute seu pai. Venha aqui!

Às vezes meu pai ganhava a discussão e me forçava a terminar a tarefa. Às vezes ele perdia. Mas, independentemente do resultado, meus pais acabavam furiosos um com o outro. Você ficaria surpreso se eu lhe dissesse que entraram com o pedido de divórcio quando eu tinha oito anos? Não, claro que não, porque os pais de todo mundo são divorciados agora. Tirando a lembrança pontual dos dois brigando por minha causa, na verdade nem sequer me lembro dos meus pais juntos. Tudo o que sei é que nossa família estava em maus lençóis quando se separaram; tínhamos decretado falência e a hipoteca da nossa casa estava em execução. Era um lugar que jamais pudemos pagar, aninhado nas colinas do subúrbio e com um deque no quintal dos fundos que se abria para um amplo declive. Nós nos mudamos para lá porque minha irmã sofria bullying no bairro onde morávamos antes, e meus pais queriam viver em um lugar onde ela pudesse fazer amigos. Pode parecer uma reação extrema ao assédio moral, mas é algo comum hoje em dia. Uma criança é importunada pelos vizinhos, então seus pais vendem a casa e se mudam para outra que não podem pagar. Dã.

Mas eu amo meus pais. Muito. Minha mãe, em especial, nasceu para ser mãe. Ela é boa nesse nível. Apesar de ter me tornado financeiramente independente dos meus pais há anos, minha mãe e eu temos uma conta conjunta, então ela pode assinar meus cheques e pagar meus boletos antes do vencimento.

Ela também administra meus impostos e cuida de qualquer questão relacionada a meu plano de saúde. Digo a mim mesmo que a deixo fazer essas coisas para que se sinta necessária, mas também sou um pirralho mimado que está acostumado a ter tudo na mão. Você deve imaginar que, com toda essa codependência, eu ligo para minha mãe o tempo inteiro, mas não faço isso. Na verdade, quando conversamos, em geral o diálogo segue o seguinte padrão:

— Oi, querido — fala minha mãe ao telefone. — O que está fazendo?

— Nada — respondo, brusco. — Na verdade, estou, ah, muito ocupado. E aí?

— Ah, só estou fazendo as coisas da casa. Deixa eu te contar, hoje eu fui aos correios e tinha uma mulher irritante na minha frente com um pacote, e você não vai acreditar...

— Mãe, preciso desligar. Desculpe.

— O quê? Por quê?

— Estou cheio de coisa do trabalho para fazer — digo a ela. Na verdade, estou procurando fotos de quando Kirsten Dunst e Jake Gyllenhaal eram um casal, lá pelo início dos anos 2000.

— Você não pode nem falar comigo por um segundo?

— Ah, não.

Então, ela fica triste, e eu fico irritado que esteja triste, e a conversa termina com um sabor amargo. Logo em seguida, a coisa mais estranha acontece. Eu me sinto devastado pela culpa e imediatamente quero ligar para ela e dizer:

— Ai, meu Deus, mãe. Eu te amo tanto. Desculpe pelo que disse. Por favor, termine sua história sobre a mulher nos correios. Preciso saber como acaba!

Como uma pessoa vai de completa irritação a esmagadora obsessão no clique de um tom de disca-gem? Muitos dos meus amigos compartilham a mesma relação contraditória com os pais. Somos *obcecados* e não vivemos sem eles. Ficamos tão felizes de encarar a situação sob uma nova perspectiva agora, e de poder nos desculpar por tê-los tratado tão mal quando éramos adolescentes. Mas *ah, meu Deus, eles estão ligando e não posso nem ouvir a voz deles nesse momento. Na verdade, eu estava aguardando ansiosamente um dia sem drama, sabe? Mas eu os amo muito. Espero que continuem me ligando para que eu possa ignorá-los e me sentir amado!* Minha mãe é minha rede de proteção, e eu a amo de uma forma assustadora, mas às vezes, quando conversamos, não posso evitar a sensação de que fazemos isso no ritmo de um filme da Sofia Coppola.

Ironicamente, meu pai — que sempre manteve distância quando eu era mais novo — agora é meu melhor amigo. Viajamos juntos. Caminhamos de mãos dadas pela rua. Na verdade, eu ligo mais para ele do que ele para mim. Então a moral da história parental parece ser: se não for próximo de seus filhos, eles vão crescer encantados por você e querendo sua aprovação. Mas se fizer de tudo por eles e os amar mais que qualquer outra pessoa jamais seria capaz, eles vão ignorar suas ligações. WTF?



Pouco antes dos meus pais anunciarem o divórcio, os dois combinaram forças uma última vez para soltar uma bomba em cima de mim.

— Ryan, você precisa fazer uma cirurgia. Uma cirurgia importante.

— Como assim? — berrei para os dois. — Eu vou morrer?

— Não, querido — assegurou minha mãe. — Você não vai morrer.

— Bem, Karen, é uma operação delicada...

— Dennis, pare com isso! — Minha mãe se virou para mim. — Você precisa fazer uma cirurgia para alongar seu tendão de Aquiles.

— E uma osteotomia de realinhamento do fêmur.

— O que isso significa?

— Significa que você vai ficar numa cadeira de rodas por três meses, querido.

— Três meses numa cadeira de rodas? Impossível!

— Querido, você não tem escolha — disse minha mãe. — Sinto muito.

— Ah, garoto, você também vai precisar engessar o corpo todo por duas semanas — emendou meu pai.

Ah, meu Deus. Essa é a vida secreta de uma criança com deficiência leve. Brincamos no parquinho, temos amigos na escola e, então, dizemos a todo mundo *Volto já. Preciso engessar o corpo inteiro por um instante. Bom verão!* Odiei. Quando você é mais velho, procura avidamente por maneiras de se sobressair. Se hoje me obrigassem a engessar meu corpo inteiro por duas semanas, eu ia apenas rir, postar milhares de fotos no

Instagram e observar os *likes* se acumularem. Mas, quando você tem sete anos, as diferenças são sua ruína. Somos condicionados a ignorar as coisas que nos individualizam e não queremos nada mais que desaparecer em um mar de mesmice e marcas da moda.

Passei meus dias engessado enfiado no quarto, as persianas abaixadas, encarnando o Jimmy Stewart de *Janela Indiscreta*, mas ainda tive que voltar à escola em uma cadeira de rodas. Por sorte, meus pais haviam investido até o último centavo me matriculando em uma pequena escola episcopal, com uma média de quinze alunos por sala, apenas para que eu pudesse ter um relacionamento mais íntimo com meus colegas de turma e para minimizar o risco de eu ter que lidar com idiotas. Frequentei a St. Paul's, em Ventura, na Califórnia, da pré-escola até a oitava série, basicamente crescendo com meus colegas. Nós nos tornamos uma família disfuncional unida, e, muito embora fôssemos rudes uns com os outros em algumas ocasiões, ninguém me zoava por causa da minha deficiência. Bem, exceto aquela vez em que uma garota me ridicularizou por babar durante a aula de arte, mas a irmã dela também tinha paralisia cerebral, então os insultos devem ter nascido de suas próprias inseguranças sombrias, certo?